



Charlotte Salomon: Retratos da Guerra

Charlotte Salomon: Portraits of War

Charlotte Salomon: Retratos de la Guerra

Yvonne Archanjo Massucate Barbosa [*]

[*] Formada em Arquitetura e Urbanismo, mestre em Ambiente Construído e doutoranda em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais. Desenvolve sua tese na área de patrimônio e memória. Faz parte do LAPA.

Resumo: O artigo busca, através de uma breve revisão bibliográfica, experimentar a obra da artista judia alemã Charlotte Salomon, morta em Auschwitz, pouco depois de concluir seu trabalho. É importante salientar que Charlotte concebe sua obra a partir de retratos sobre acontecimentos vivenciados por ela e por pessoas próximas, passando pelos momentos de refúgio dos nazistas. A trajetória da artista, repleta de situações trágicas, é representada em guache a partir de uma série de pinturas compiladas em um livro intitulado: Vida? ou Teatro? A singularidade da expressão artística, cunhada através de pinturas que se entrelaçam com várias formas de artes, tais como literatura e música, destaca a artista em meio ao caos vivenciado durante a Segunda Guerra Mundial

Palavras-chave: Holocausto; Charlotte Salomon; Arte.

Abstract: The article seeks, through a brief bibliographical review, to experience the work of the German Jewish artist Charlotte Salomon, who died in Auschwitz, shortly after completing her work. It is important to note that Charlotte conceives her work from portraits of events experienced by close people as well as from her first-hand experience, including moments of escape from the Nazis. Her life history, full of tragic situations, is represented in gouache from a series of paintings compiled in a book entitled: Life? or Theatre? The uniqueness of her artistic expression, coined through paintings that intertwine with various forms of art, such as literature and music, depicts the artist amidst the chaos experienced during World War II.

Keywords: Holocaust. Charlotte Salomon. Art.

Resumen: El artículo busca, a través de una breve revisión bibliográfica, experimentar la obra de la artista judía alemana Charlotte Salomon, quien falleció en Auschwitz, poco después de finalizar su obra. Es importante destacar que Charlotte concibe su obra a partir de retratos sobre acontecimientos vividos por ella y por personas cercanas a ella, pasando por los momentos de refugio de los nazis. La trayectoria de la artista, llena de situaciones trágicas, está representada en

gouache a partir de una serie de cuadros recopilados en un libro titulado: ¿Vida? o teatro? La singularidad de la expresión artística, acuñada a través de pinturas que se entrelazan con diversas formas de arte, como la literatura y la música, pone de relieve al artista en medio del caos vivido durante la Segunda Guerra Mundial.

Palabras clave: Holocausto; Charlotte Salomon; Arte.

A vida e obra de Charlotte Salomon, judia pertencente a uma família abastada alemã, são objetos de estudo que evocam uma insaciável necessidade de conhecer mais o caminho que levou a criação das pinturas a guache que compõem seu livro *Vida? Ou Teatro?*. Como afirma Bentley (2017), sua obra é “incategorizável” e, apesar de hipnotizante, foi deixada de fora do cânone da arte moderna e ainda vista às margens de outros gêneros de arte, tais como o expressionismo alemão.

O fato é que, apesar de Charlotte frequentar a Academia de Belas Artes de Berlim e ser uma estudiosa de artes, sua obra é realmente singular e carrega uma atmosfera repleta de angústias e tragédias que a acompanharam por toda a sua breve vida. Suas pinturas a guache são expressões de acontecimentos vivenciados por ela e por pessoas próximas. Seus traços, hora bem-acabados, hora rascunhados de forma sutil, são, na verdade, um grito de desespero e uma forma de expressar sua vida sufocada pelo terror nazista.

Para compreender a obra de Salomon é necessário conhecer sua biografia e entender o mote de cada pintura. Todavia, a forma como Charlotte retrata os acontecimentos vivenciados por ela e pelos demais personagens pertencentes a sua pintura vai além de um testemunho do sofrimento e exílio dos judeus, artistas ou não, durante a Segunda Guerra. Como descreve Gordon (2019, 2) apenas recentemente sua obra “começou a ser estudada e exposta em circuitos artísticos, evidenciando-se, assim, o seu valor estético”. Assim, suas representações, concebidas a partir de uma técnica inusitada que mistura música, literatura e pintura, devem ser analisadas sob a ótica de pesquisadores multidisciplinares, tendo em vista a densidade por trás da obra.

Talvez, por ter se revelado como uma obra peculiar, as pinturas de Charlotte não são alvo de muitas pesquisas em campo brasileiro. Tal fato cunha a necessidade de se promover a artista, divulgando sua vida e obra e explicitando sua importância.

Uma trajetória pintada em guache

O trabalho da artista Charlotte Salomon, intitulado como *Vida? ou Teatro?*, é um misto de peça, livro ilustrado, livro de orações e até mesmo um ato de imaginação. Como obra quimérica, incorporou palavras, imagens e músicas de forma desafiadora às definições estéticas (Freedman 2017). Suas pinturas foram compostas em uma imensa pressão interna e externa combinando uma

sequência que ilustra sua vida e época. Expressando um compilado de memórias – até mais do que uma autobiografia – a obra de Charlotte é uma narrativa repleta de conteúdo emocional, que “analisa ao mesmo tempo que descreve” (Appignanesi 2019). Segundo Appignanesi (2019), esse *Singspiel*¹:

[...] nos leva em uma viagem épica cheia de imagens, palavras e música, que atravessa duas décadas e meia de história, e culmina numa tragédia. Essa transformação da história em *Gesamtkunstwerk* (termo alemão para a ideia de obra de arte total) é uma criação de Charlotte, feita a partir de recortes da própria memória. Mas é também algo muito maior do que uma vida individual. Salomon nos oferece um ponto de vista raro sobre as angústias dos judeus alemães burgueses e cultos; um grupo assimilado e marginalizado ao mesmo tempo, vivendo no momento em que a República de Weimar — contaminada por sonhos nostálgicos e convicções patriarcais — se estilhaçava sob o regime nazista (Appignanesi 2019).

É importante ressaltar que para entender melhor a obra de Charlotte é necessário conhecer sua história. De acordo com Santos e Luconi (2019), a pintora teve uma vida curta, mas não por isso menos expressiva. A vida da jovem foi marcada por muita sensibilidade em suas criações e pontos de vista formados a partir da “profundidade do seu íntimo ser”. Nascida em 1917, na cidade de Berlim, já criança gostava de criar esboços. A pequena era rodeada de música, tendo por preferência a clássica e as canções folclóricas. Charlotte também tinha gosto pela literatura e pela filosofia.

Quando Charlotte tinha apenas oito anos, sua mãe, Franziska, cometeu suicídio. Apesar do suicídio não ser revelado à filha, ela se transforma em uma criança tímida e um pouco solitária. Porém, esse cenário mudou com a chegada de sua madrasta Paula, que a conduziu a uma versão mais religiosa do judaísmo. As duas passaram a ter uma excelente convivência e Charlotte nutriu uma grande admiração pela nova esposa do pai (Appignanesi 2019). Paula era uma cantora alemã famosa, que, na ocasião, realizou vários recitais pelo país. Todavia, por ser judia, diante da ascensão nazista, passou a ser vaiada em suas apresentações e teve que se retirar dos espetáculos, passando a conviver ainda mais com a enteada. De acordo com Foenkinos (2016), em sua última apresentação: “homens gritavam horrores e insultos. Diziam para Paula voltar para casa. Não queriam mais ouvi-la ali!”

Na escola, as humilhações eram constantes contra os judeus e mesmo diante deste cenário desolador, Charlotte seguiu sendo uma aluna exemplar. No entanto, uma lei, em 1934, a proibiu de terminar os estudos no ensino médio, por mais que seu comportamento fosse impecável. Com o passar do tempo, a jovem não se intimidou, pois seu apreço pela arte era maior que o medo. Ainda que o temor assolasse a Alemanha, por conta do antissemitismo, Charlotte insistiu em estudar na

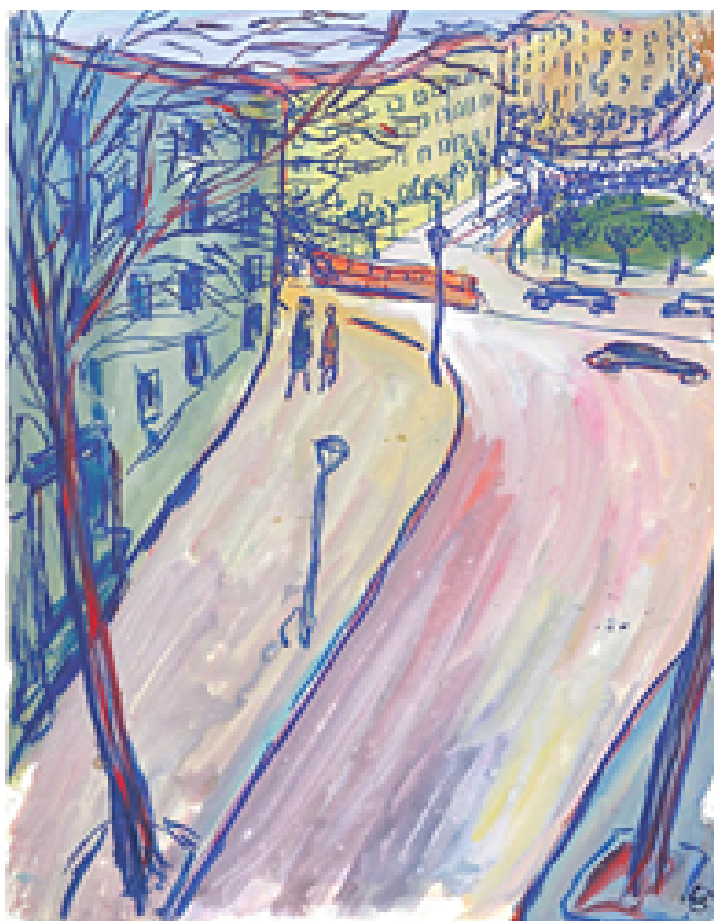
¹ De acordo com o dicionário Oxford, *Singspiel* é um tipo de ópera alemã, equivalente a um drama musical. Uma ópera com diálogos falados, geralmente implicando temas cômicos e leves. Disponível em: <https://www.oxfordreference.com/view/10.1093/oi/authority.20110803100508290>. Acesso em: 24 fev. 2022.

Academia Berlinense de Belas Artes. Assim, devido ao seu talento e coragem, a jovem foi aceita (Foenkinos 2016).

Na verdade, ela é a única judia remanescente na escola, aceita depois que todos os professores judeus já haviam sido demitidos. As minutas da comissão de admissão (dia 7 de fevereiro, 1936) declaram que, dada a sua “natureza reservada”, Charlotte não seria uma ameaça à pureza racial dos alunos arianos. As imagens de seus dias de academia contêm alguns dos retratos independentes mais bem-acabados do livro, sobretudo os de sua amiga Barbara, representada como se estivesse num sonho. Não têm nada da monumentalidade ou da qualidade tipicamente alemã de conto de fadas que a escola — purgada de todas as artes degeneradas — incentivava (Appignanesi 2019).

Charlotte conseguiu permanecer na Academia por seu comportamento comedido, ou seja, ela não representava uma afronta para os demais colegas que não possuíam origem judaica, e assim, ela conseguiu seguir “camuflada” dentre os demais alunos. A imagem 1 retrata a volta de Charlotte e sua amiga Bárbara da Academia de Belas Artes². Parte da obra da artista, tal pintura expressa uma fase venturosa da vida de Charlotte, e pode ser considerada como uma das pinturas mais bem acabadas do conjunto.

Imagem 1 – Charlotte retorna da Academia de Belas Artes com a amiga Bárbara



² Bárbara é retratada por Foenkinos como uma bela loira, ariana por essência. O autor informa que, apesar da amizade, Charlotte desejava ter a vida “perfeita” da amiga, que por não ser judia, poderia viver intensamente a juventude, suas dores e alegrias (Foenkinos 2016).

Fonte: S Moda 2017.

De acordo com Foenkinos (2016), no ano de 1938, como de costume, ocorreu um concurso na Escola de Belas Artes, onde o melhor quadro, pintado dentre os alunos, seria premiado. O concurso era anônimo, e após a obra ser premiada, era dito o nome do aluno vencedor. Neste ano, a vencedora foi Charlotte, porém, os professores não poderiam ceder a esta premiação, tendo em vista o temor aos nazistas. Sendo assim, informaram sobre a vitória à Charlotte, mas pediram que ela indicasse alguém para receber o prêmio em seu lugar. A jovem escolheu sua amiga Bárbara, mas após tal episódio nunca mais voltou à Academia.

Ainda em 1938, escapando dos nazistas e prestes a completar 21 anos, Charlotte vai viver com os avós no sul da França. Seu pai, Albert, acabara de ser solto do campo de trabalhos forçados de Sachsenhausen, por influência da madrasta Paula, mas temia pela vida da filha e a encaminha para os cuidados dos avós. E é exatamente no sul da França que Charlotte concebe sua obra, em meio a tanto sofrimento e caos (Molinari 2013).

Na imagem 2, Charlotte retrata-se em seu quarto, após receber a notícia de que deveria deixar a Alemanha. De forma poética, Foenkinos (2016) descreve a partida da jovem:

Charlotte beijou o pai por um longo tempo. Deixando nele uma marca. Não de batom, mas por ter pressionado os lábios com força. Muitos policiais patrulhavam a plataforma da estação. Cercada de Paula e de Alfred³, Charlotte precisou conter a emoção. Uma efusão insistente atrairia os olhares. O trio seria interrogado. Por que chora essa jovem? Ela parte só por uma semana, não é⁴? Por isso não, não devia pôr o plano em perigo. Era preciso se manter firme e digna. Arrancar o coração com desenvoltura. Charlotte queria manifestar seu sofrimento. Era impossível. Estava deixando tudo. Seu pai, Paula, o túmulo da mãe (Foenkinos 2016).

³ Segundo Foenkinos (2016), aqui se trata de Alfred Wolfsohn, professor de canto de Paula, e o grande amor de Charlotte.

⁴ Charlotte conseguiu autorização para deixar a Alemanha sob o pretexto de visitar sua avó doente na França. De acordo com Foenkinos (2016), Charlotte sugeriu à avó que escrevesse uma carta informando que estava doente e solicitando a visita da neta. Assim, de porte desta carta, a jovem foi à embaixada alemã e conseguiu o visto para sair do país, alegando que voltaria em duas semanas.

Imagem 2 – Charlotte arruma suas malas para deixar a Alemanha

Fonte: Salomon 1998 apud Santos e Luconi 2019.

Sabe-se que os avós maternos de Charlotte passaram a viver na Villa L'Hermitage (em uma pequena cidade da Riviera Francesa), casa de uma antiga amiga americana – Otilie Moore⁵ – em 1934. Neste ambiente, com o mar à frente, a jovem refugiada passa a criar suas pinturas, passando seus dias nos jardins da Villa. Todavia, com o avanço da Segunda Guerra, a situação dos refugiados judeus na França complicou-se. Assim, no início de 1940, os avós e Charlotte mudam-se para um pequeno apartamento em Nice (França) (Gordon 2019).

Para Gordon (2019), os suicídios na família materna de Charlotte foram constantes. Desta forma, após a morte prematura de suas duas filhas, a avó de Charlotte, Marianne, sucumbiu à depressão e jogou-se da janela do apartamento onde vivia, em março de 1940. Esse ato foi pintado por Charlotte (Imagens 3 e 4), e demonstra a cena de forma sequencial: primeiro, a avó comete o ato e logo após, a neta observa o corpo, debruçada sobre o parapeito. De fato, o histórico de suicídios era notável na família, como descrito por Foenkinos (2016), Charlotte aprendeu a ler o próprio nome no túmulo da tia, que cometeu suicídio antes do seu nascimento. A mãe da jovem

⁵ Otilie Moore era uma americana, de origem alemã, que após ficar viúva, herdou uma grande fortuna, juntamente com uma imensa propriedade ao sul da França. Nesta, a americana abrigava todos os tipos de refugiados, principalmente crianças (Foenkinos 2016).

pintora, Franciska, quis homenagear a irmã morta, mesmo a contragosto do marido Albert, e assim, atribuiu à filha o nome Charlotte.

Imagem 3 – A avó de Charlotte se joga da janela



Fonte: Molinari 2013.

Imagem 4 – Charlotte se debruça sobre a janela após o suicídio da avó



Fonte: Molinari 2013.

De acordo com Gordon (2019) Charlotte viveu a maior parte de sua vida em um ambiente de medo e incertezas. Entre 1941 e 1942, em um curto período de aproximadamente um ano, a pintora concebeu sua obra intitulada *Vida? ou Teatro?*, exibida pela primeira vez na década de 1960, duas décadas após sua morte.

Salomon concebeu o próprio livro como uma performance que levantava uma questão fundamental da existência: *Vida ou teatro?* Em meio a tantas máscaras (algumas para esconder a hipocrisia, outras para guardar segredos, ou ainda para que se passe despercebido — item necessário para qualquer judeu vivendo em um mundo cada vez mais antissemita), onde estaria a vida de verdade? É a pergunta de uma jovem angustiada: talvez não exista nenhuma resposta possível, mas é explorando essa questão que certas realidades se revelam (Appignanesi 2019).

Nas primeiras páginas de sua obra *Vida? ou Teatro?*, Charlotte elenca uma série de personagens que incluirá todas as pessoas de seu círculo íntimo. Cada pessoa recebe um pseudônimo, dialogando com sua personalidade. Segundo Appignanesi (2019), a artista, explica como se dá a criação de suas pinturas nas páginas iniciais do livro:

A criação das páginas a seguir deve ser imaginada do seguinte modo: um homem está sentado diante do mar. Ele está pintando. De repente, uma melodia lhe vem à mente. Enquanto começa a cantarolar, percebe que a música corresponde exatamente àquilo que tentava colocar no papel. Um texto se forma em sua cabeça, e ele canta essa canção sem parar, em voz alta, até que a pintura pareça estar completa. Vez ou outra, novos textos ganham corpo, e o resultado é um dueto ou, senão, cada um dos personagens canta um texto diferente, e o resultado é um coro (Appignanesi 2019).

De acordo com Appignanesi (2019), “um prólogo, uma seção principal e um epílogo compõem os três atos do livro”. Na primeira parte existem 211 imagens separadas por papel vegetal e nestes papéis estão escritos à mão, textos que descrevem as situações pintadas. O livro se concentra, logo a seguir, em Amadeus Daberlohn, pseudônimo de Alfred Wolfsohn, instrutor de canto de Charlotte ainda em Berlim. Nessa segunda seção da obra, letras garrafais, escritas sobre a própria pintura, substituem o papel vegetal. “Às vezes o texto faz oposição à cena retratada, oferecendo comentários cáusticos. Às vezes descreve a ação visual ou as vicissitudes da vida interior dos personagens” (Appignanesi 2019). A imagem 5 demonstra o exemplo de uma pintura sem nenhuma escrita sobre ela, ou seja, nesse modelo, a artista escreve seus textos, posteriormente, em um papel vegetal de mesmo tamanho da obra e o sobrepõe ao desenho. Na imagem 6, é possível visualizar essa sobreposição.

Imagem 5 – O sofrimento da avó de Charlotte



Fonte: Joods Cultureel Kwartier 2023.

Imagem 6 – O sofrimento da avó de Charlotte (com papel vegetal sobreposto)



Fonte: Joods Cultureel Kwartier 2023.

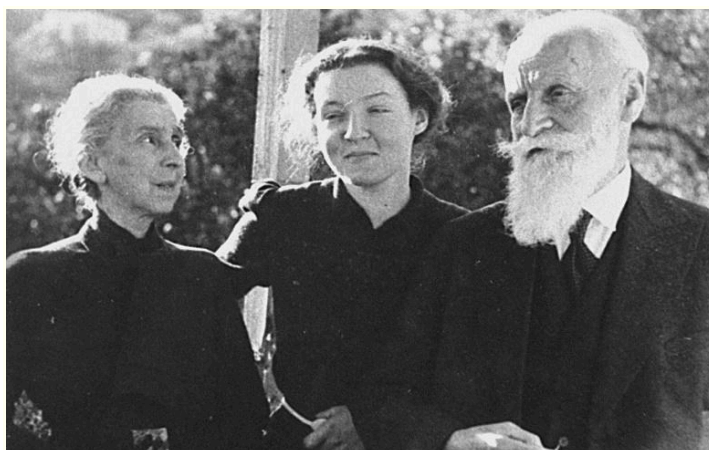
A imagem 7 representa a outra forma de expressão utilizada pela artista, onde o texto é trabalhado sobre a própria pintura. Nesse caso, não existe o papel vegetal sobreposto, assim como as palavras aparecem escritas ao longo da imagem desenhada. É interessante notar que, apesar das pinturas de Charlotte Salomon retratarem as pessoas de forma peculiar, com traços que por vezes não são bem definidos, assemelhando-se a um esboço, é possível identificar os personagens na vida real. As imagens 7 e 8 permitem a comparação entre o desenho e a imagem real.

Imagem 7 – Foto de Charlotte com seus avós na Villa L'Hermitage



Fonte: Selvaggi 2020.

Imagem 8 – Foto de Charlotte com seus avós



Fonte: Rosen 2023.

Vida? ou Teatro? é uma série de pinturas criadas por Charlotte, compondo

769 páginas pintadas e escritas (com a dimensão aproximada de 32,5 x 25 cm) e o total de pinturas e esboços que sobreviveram até aos nossos dias conta-se em 1300⁶ ou mais páginas, e encontra-se conservado atualmente no Museu de História Judaica de Amsterdã, o *Joods Historisch Museum* (Gordon 2019, 20).

As imagens e textos do livro são pintadas a guache nas cores vermelho, azul e amarelo, sendo as três cores mescladas para criar novos tons. Não existe um consenso sobre a utilização desta

⁶É importante observar que 1300 é o número total de desenhos do conjunto doado em 1971 por Albert e Paula ao *Joods Historisch Museum* (Gordon 2019).

paleta restrita: se foi uma escolha artística de Charlotte ou apenas uma opção marcada pelo empobrecimento que a situação demandava (Appignanesi 2019).

No ano de 1942, após a conclusão do livro, Salomon retorna a Villa L'Hermitage, juntamente com aquele que viria a ser seu esposo: Alexander Nagler, também judeu. Em fevereiro de 1943 morre seu avô e em junho Charlotte casa-se com Nagler. Nesta mesma altura da vida, a artista entrega sua obra para o médico Georges Moridis, dedicando-a a Ottilie Moore. Salomon pede que o médico guarde suas pinturas com muita segurança pois era tudo que possuía na vida (Gordon 2019). Como escreveu Foenkinos (2016):

Graças a Moridis conhecemos essa frase. É TODA A MINHA VIDA. O que ela quis dizer exatamente? Eu lhe dou uma obra que conta toda a minha vida. Ou: eu lhe dou uma obra tão importante quanto a minha vida. Ou ainda: é toda a minha vida, porque a minha vida acabou. Será que isso queria dizer que ela ia morrer? É TODA A MINHA VIDA. Essa frase é obsedante. Todas as possibilidades parecem verdadeiras.

De acordo com Bentley (2017), apenas recentemente, com a revelação de uma carta escrita por Charlotte à Alfred Wolfsohn, foi possível conhecer a verdadeira causa da morte de seu avô: a jovem pintora o envenenou.

“Está agindo enquanto escrevo. Talvez ele já esteja morto agora. Me perdoe.” Salomon também descreve como ela desenhou um retrato de seu avô quando ele expirou na frente dela, da “omelete Veronal” que ela preparou para ele. O desenho a tinta de um homem distinto e enrugado — a cabeça caída dentro da gola do roupão, os olhos fechados, a boca uma fenda fina aninhada dentro da barba volumosa — sobrevive.

Imagem 9 – Charlotte retrata o avô no momento de sua morte, após o envenenamento



Fonte: Bentley 2017.

É importante destacar que os judeus fugiram da Alemanha com um estoque de morfina, ópio e veronal, para utilizar quando necessário. Todavia, a morte do avô de Charlotte não teve relação com uma ação misericordiosa em abreviar o sofrimento a partir da morte. Salomon descreveu momentos de abuso cometidos pelo avô após o suicídio da avó, e nesse sentido, pode-se entender esse assassinato como uma medida de reação aos atos libidinosos do seu tutor.

Ao final de setembro de 1943, Charlotte e seu esposo são deportados. Salomon é morta, grávida, em Auschwitz. O pai e a madrasta de Charlotte viveram refugiados até o final da guerra. Viajaram em 1947 para a França a fim de desvendar os últimos momentos de vida de Charlotte e assim conheceram Moore e com ela, a sequência de guaches da filha. De volta a Amsterdã, os pais de Charlotte conhecem o pai de Anne Frank, e é possível que este encontro tenha encorajado a publicação do trabalho da filha. O processo de exposição dos trabalhos de Charlotte foi lento e adiado pelo luto familiar. “A primeira exibição de Salomon foi em 1961, no edifício Fodor do Museu Stedelijk” (Appignanesi 2019).

Considerações finais

A obra de Salomon foi repleta de representações singulares, retratando momentos de sua vida e sofrimento. O ponto de interrogação do título da obra de Charlotte representa o limiar entre uma representação idílica e o verdadeiro horror da história. O título reforça o caráter aberto e dinâmico da obra. Quando se representa de fora, mas ao tempo muito próxima dos personagens evocados, Charlotte apresenta a identidade como um objeto múltiplo, cruzando fronteiras (Jenn 2020).

Qualquer pesquisa relacionada ao trabalho desenvolvido por Charlotte Salomon não pode ser considerada despreziosa. Por mais que este artigo tenha realizado apenas uma revisão bibliográfica sobre o tema, ele impulsiona o pesquisador a querer conhecer de forma mais aprofundada o trabalho da artista em questão. Assim, ao longo da pesquisa exploratória sobre a temática, ocorre um grande envolvimento em relação à vida e obra de Charlotte.

Essa necessidade de buscar maiores conhecimentos sobre Salomon e suas pinturas ocorre da expressão singular da obra, com todos os seus significados intrínsecos e sua beleza estética ímpar. A vida da pintora, marcada pela tragédia, também envolve o pesquisador em uma ávida busca por maiores informações que possam desvendar o universo de Charlotte e toda a motivação por trás de seus desenhos e escritas.

Conhecendo melhor o trabalho da artista judia, fica uma indagação sobre o motivo de sua obra ser tão pouco conhecida pela comunidade acadêmica brasileira. Espera-se que novas pesquisas possam avultar as percepções sobre a produção de Charlotte. A conclusão que fica deste breve estudo é que a pintora compõe o conjunto de artistas talentosos que tiveram suas vidas ceifadas pelo Nazismo. A perda da vida e das futuras produções que poderiam ter sido concebidas por estes talentos são inestimáveis para a humanidade, salientando-se, desta forma, a importância de expor para o mundo a obra destes que, mesmo diante da pressão psicológica e física sofridas durante a guerra, ainda conseguiram expressar suas angústias através da arte.

Referências Bibliográficas

Appignanesi, Lisa. 2019. “Pintando à beira do abismo.” *Revista Quatro Cinco Um*. <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/arte/pintando-a-beira-do-abismo>. Acesso em: 24 jan. 2022.

Bentley, Toni. 2021. “The Obsessive Art and Great Confession of Charlotte Salomon.” *The New Yorker*. <https://www.newyorker.com/culture/culture-desk/the-obsessive-art-and-great-confession-of-charlotte-salomon>. Acesso em: 17 dez. 2021.

“Charlotte Salomon, la artista que encontró belleza en el sufrimiento.” 2017. *S Moda*, dezembro. <https://smoda.elpais.com/placeres/charlotte-salomon-la-artista-encontro-belleza-sufrimiento/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

Foenkinos, David. 2016. *Charlotte*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Freedman, Ariela. 2017. “Charlotte Salomon, Degenerate Art, and Modernism as Resistance.” *Journal of Modern Literature* 41, no. 1 (2017): 3-18.

Gordon, Margarida. *Leben? oder Theater?: Experiência estética, arte e vida na obra de Charlotte Salomon*. 2019. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Jenn, Camille. 2020. *Leben oder Theater? Entre Hybridité et totalité: Charlotte Salomon*. Reims: ÉPURE - Éditions et presses universitaires de Reims.

Joods Cultureel Kwartier. 2023. “Charlotte Salomon.” *Joods Cultureel Kwartier*. <https://charlotte.jck.nl/detail/M004300>. Acesso em: 18 dez. 2021.

Molinari, Paula. *Alfred Wolfsohn na obra de Charlotte Salomon: uma cartografia que emerge da voz*. 2013. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP.

Rosen, Sarah. 2023. “New film brings to life a young Auschwitz victim’s extraordinary mixed media display.” *The Times of Israel*. <https://www.timesofisrael.com/new-film-brings-to-life-a-young-auschwitz-victims-extraordinary-mixed-media-display/>. Acesso em: 15 mai. 2023.

Santos, Agnes Andrioli e Luconi, Eliane Berenice. 2019. “A psique criativa: um mergulho nas imagens da pintora Charlotte Salomon.” In *Ao encontro de Jung*, organizado por C. B. S. Todeschini, 123-145. Porto Alegre: Editora Fi.

Selvaggi, Cesari Biasini. 2020. “Tutto su Charlotte Salomon.” *Exibart*, abril. <https://www.exibart.com/arte-moderna/tutto-su-charlotte-salomon/>. Acesso em: 18 dez. 2021.